Suplemento

X Jantar Conferência

JBairrada

CERÂMICA
o coração da Bairrada

Num concelho onde a Cerâmica se assume como uma das principais âncoras da economia local, fazia sentido promover uma iniciativa dirigida aos empresários e outros players do setor.
O X Jantar Conferência do Jornal da Bairrada, em parceria com o Município de Oliveira do Bairro, não esquecendo o valor desta atividade para a região, convidou um painel de especialistas para abordar os novos desafios que se colocam à economia em geral e ao setor em particular.
A necessidade de um novo paradigma, assente numa economia mais sustentável, exigida pelas sociedades modernas, obriga a que o tecido empresarial procure respostas produtivas mas menos nefastas para o ambiente. É esse o propósito da economia circular, que, do resíduo ao recurso, confere inovação a uma atividade ancestral como é a Cerâmica.

Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 2505, de 11 de abril de 2019, pelo que não pode ser vendido separadamente

X Jantar Conferência

DUARTE NOVO, PRESIDENTE DA CÂMARA DE OLIVEIRA DO BAIRRO

"A indústria cerâmica é parte da nossa identidade, que queremos preservar"

A Câmara de Oliveira do Bairro tem em mãos a requalificação e expansão das suas zonas industriais, quer incentivar a atração de mais investimento, dinamizar a economia local e criar mais condições para quem procura investir no seu território. O presidente da Câmara, Duarte Novo, fala da estratégia que o Executivo que lidera aponta como eixo estruturante para o mandato.
Olhando para a cerâmica, o autarca fala de "identidade" local e de desafios do setor, num concelho que se prepara para perpetuar esta importante atividade económica.

A Economia foi apontada como um dos eixos estruturantes deste Executivo. O que se tem feito nesta matéria?

Desde logo, o investimento muito significativo que estamos a fazer nas zonas industriais do concelho. Temos consciência que esta aposta, na criação de condições para a atração de médias e grandes empresas, poderá ser o motor para o desenvolvimento de toda a economia local, mesmo aquela de menor dimensão.

A ampliação e reestruturação das zonas industriais é a parte mais visível dessa aposta?

A nossa estratégia tem passado pela criação de condições de crescimento aos empresários que já temos no concelho, que sejam também um incentivo e fator de atração de investimento vindo de outros municípios ou até mesmo de fora do país. Mas esta aposta passa também pelo apoio ao empreendedorismo e aos que querem apostar na nossa economia com novas ideias de negócio, que estamos a fazer através da nossa incubadora de empresas e do Espaço Empresa, que abrimos no final do ano passado.

Qual é o retrato atual dessas Zonas Industriais? Quais são as perspetivas? Há uma planificação de investimentos?

Existe uma planificação que já está a ser operacionalizada. Começámos pela Zona Industrial de Vila Verde, com a aquisição de terrenos e a promoção de loteamento para atrair investimento. Vamos adquirir muito perto de 80 hectares para as Zonas Industriais do Município. Vinte hectares para cada uma das Zonas Industriais de Vila Verde, da Palhaça e de Bustos e praticamente a mesma área para Oiã. A compra dos terrenos não tem sido fácil, porque estamos perante uma realidade de minifúndio. Para se ter uma noção, basta dizer que, para aumentar 20 hectares numa Zona Industrial, é necessário adquirir entre 100 a 150 artigos diferentes. Isto implica uma série de contactos com proprietários, escrituras e toda a parte burocrática dos processos, até porque nem todas as pessoas têm a documentação necessária ou atualizada. A nossa estratégia tem ido ao encontro da procura que temos tido, de forma a dar a dimensão necessária às áreas pretendidas pelos investidores. Por outro lado, vamos avançar com a reestruturação das nossas zonas industriais, requalificando também as vias de acesso e arranjos exteriores. Vamos tornar esses espaços mais atrativos e agradáveis, para quem diariamente os utiliza. Não nos podemos esquecer que as zonas industriais são também um cartão de visita e a imagem do nosso concelho, não só para quem aí trabalha, mas também para todos os que procuram as nossas empresas para fazer negócio, como clientes, parceiros ou fornecedores.

De que forma a autarquia tem procurado dialogar com os empresários para ajustar as suas medidas às necessidades daqueles?

Fomos ao encontro dos empresários que já estão nas nossas zonas industriais, falámos com eles, percebemos as suas ideias e necessidades, com o objetivo de criarmos as condições que promovam o crescimento das suas empresas. Da nossa parte, estamos a trabalhar para dar uma resposta a estas necessidades, quer através do aumento de lotes disponíveis, quer através da melhoria das infraestruturas. De todo este trabalho de proximidade e dos contactos que vamos tendo com investidores de fora do concelho, posso confirmar que a procura tem aumentado, o que é, claramente, um sinal positivo.

A incubação de empresas e negócios (IERA) tem dado os seus frutos no concelho?

A estratégia que temos para a nossa incubadora de empresas passa pelo apoio a projetos empresariais mais vocacionados para os serviços, que necessitam de um "empurrão" inicial na capacitação dos seus empreendedores e na redução de custos de estrutura, de forma a ultrapassar os três primeiros anos de atividade, que são sempre difíceis. Neste momento, temos três empresas já incubadas e mais três candidaturas para os restantes espaços que ainda temos vagos. Se todas forem aceites, que é a nossa perspetiva, teremos muito em breve a incubadora completamente cheia, uma situação que irá acontecer pela primeira vez e que muito nos agrada. Relativamente aos resultados, temos projetos que estão bem enraizados e outros que infelizmente ficaram pelo caminho, como acontece em qualquer incubadora ou mesmo fora delas. Para além das empresas incubadas, quero também realçar o trabalho de aconselhamento e de orientação a alguns empreendedores que, mesmo não avançando ou tendo projetos com necessidades que ultrapassam os nossos serviços de incubação, nos têm procurado com dúvidas sobre a melhor forma de os concretizar. Para eles, temos sempre uma palavra, uma orientação, para que possam decidir se avançam ou não e quais os apoios ou entidades que os podem ajudar.

"Vamos adquirir muito perto de 80 hectares para as Zonas Industriais do Município. Vinte hectares para cada uma das Zonas Industriais de Vila Verde, da Palhaça e de Bustos e praticamente a mesma área para Oiã."

A tão falada ligação à A1 seria um forte impulso para a instalação de empresas e atração de negócios e pessoas? Há notícias nesse sentido?

O acesso à A1, conforme temos defendido, é importantíssimo para os Municípios de Oliveira do Bairro e Anadia. A sua existência vai beneficiar as empresas que já cá temos, reduzindo-lhes custos importantes na área logística, e aumentar a nossa capacidade de atração de novos investimentos. Para além disso, acreditamos que vai também melhorar a qualidade de vida das pessoas, uma vez que algum do trânsito mais pesado vai deixar de circular nos nossos lugares. O que posso dizer, para já, é que temos reunido várias vezes com a Infraestruturas de Portugal e com o Governo, no sentido de aproveitarmos uma janela de oportunidade que está a surgir com a renegociação da concessão entre a Brisa e o Estado Português. Estamos a fazer a máxima pressão para que este nó de acesso à A1 seja contemplado no novo acordo.

A requalificação da EN 235 pode trazer vantagens, também para o tecido económico?

Claro que sim, sem dúvida. A requalificação que está prevista pela Infraestruturas de Portugal vai trazer óbvias vantagens para a melhoria do trânsito, por exemplo, na Zona Industrial de Oiã, com benefícios para as empresas aí localizadas. As rotundas que se espera virem a ser

Cerâmica: "Crise no setor da construção veio obrigar as empresas a reinventarem-se"

A cerâmica, ainda é uma marca do concelho?

Sem dúvida! A indústria cerâmica é parte da nossa identidade, que queremos preservar. Foi e ainda é o dia-a-dia de muitas gerações de oliveirenses, e só temos pena de já não conseguirmos recuperar muito do património perdido da Cerâmica Rocha, que deveria ter sido protegido e que, infelizmente, esteve ao abandono durante 12 anos.

Sente o setor muito diferente, em relação ao passado?

Sim, está muito diferente porque evoluiu, o que é normal e até indispensável. Até finais da década de 90, tínhamos a indústria cerâmica do barro vermelho, dos tijolos, das telhas e das abobadilhas, como mais predominante. Hoje em dia, assistimos a uma evolução para outras áreas de aplicação, com uma diferenciação dos próprios materiais. A recente crise do setor da construção veio também obrigar as nossas empresas a reinventarem-se, a desenvolver novos produtos e a procurar novos mercados. Neste momento, a cerâmica virou-se para as áreas da reabilitação e da decoração, com uma forte aposta na inovação e no design, embora mantenhamos a cerâmica do barro vermelho no concelho.

Qual é a importância para o concelho ter gigantes nacionais do setor cerâmico?

É muito importante termos empresas de dimensão nacional e internacional no nosso concelho, sejam elas de que área forem. Mas todas elas, independentemente da sua dimensão, representam muitos postos de trabalho e fontes de rendimento para uma grande quantidade de famílias do concelho. Como já referi, esta área empresarial faz parte da identidade do Município, reconhecida a nível nacional e internacional, atraindo visitantes, fornecedores, clientes ou outros investidores que se querem instalar nas proximidades ou seguir o exemplo destas grandes empresas. São marcas reconhecidas que trazem prestígio para o concelho e a quem reconhecemos o devido valor.

O projeto da antiga Cerâmica Rocha, atualmente em execução, pode resultar numa importante âncora para o setor? De que forma?

Será, antes de mais, uma homenagem à indústria cerâmica, que, como já referi, faz parte da identidade do nosso Município. É também um reconhecimento a todos os homens e mulheres do concelho que, ao longo de décadas, trabalharam neste setor. O projeto vai ter uma dinâmica muito própria, para que rapidamente se torne numa das grandes referências do concelho.

criadas, no nó de acesso à A1, no cruzamento do Facho, em Oiã, e no Silveiro, vão melhorar substancialmente o fluxo do trânsito. É uma via muito importante para nós, pela ligação que faz à A1 e a Aveiro, cidade e concelho onde trabalham muitos oliveirenses e de onde vêm muitos colaboradores das nossas empresas.

Também com efeitos para a economia local, a Autarquia está empenhada no alargamento da via para poente, na saída da rotunda da cidade (na variante à 235). E no pontão do caminho de ferro, logo a seguir, há perspetivas para uma intervenção futura?

No caso da saída da rotunda para poente, posso já dizer que ainda recentemente estiveram cá engenheiros da Infraestruturas de Portugal para verem a melhor forma de resolver o problema da curva em "cotovelo" que ali existe e que causa muitas dificuldades aos veículos pesados. Esta situação foi uma das que identificámos junto da tutela, para que fosse resolvida o mais rapidamente possível, assim como a passagem aérea sobre a linha de caminhos de ferro. Infelizmente, neste último caso, a Infraestruturas de Portugal já nos comunicou que não se responsabiliza pelo pagamento dessa obra. Teremos que ser nós a avançar, tendo em conta que consideramos esse eixo como estruturante na ligação nascente-poente. Se este acesso à A1 for concretizado, temos que ter estas ligações todas a funcionar em pleno, para que o trânsito que venha de nascente ou poente, de ou para a Zona Industrial de Vila Verde, possa fluir sem grandes obstáculos em direção ao referido nó.

Num concelho onde a agricultura foi e continua forte e a indústria assume o papel que sabemos, é um desafio para a autarquia em termos de equilíbrio económico e de apoio ao desenvolvimento?

O setor agrícola é muito importante para nós. Felizmente, temos no nosso Município duas entidades que fazem um trabalho extraordinário nessa área, como são a Kiwicoop e a Calcob, que dão um apoio muito significativo aos agricultores do concelho. Esse apoio passa também pela ajuda aos jovens empresários que pretendem apostar, cada vez mais, em grandes áreas de cultivo. Da nossa parte, temos colaborado e dado todo o apoio a essas duas entidades, reconhecendo o importantíssimo papel que têm, não só no concelho, mas também na região. Para além disso, temos disponíveis serviços, como o Espaço Empresa, para ajudar os empresários agrícolas a avançarem com os seus projetos.

A economia circular, no geral, e na cerâmica, em particular, é um dos grandes desafios atuais da economia/ambiente?

É mais um desafio importante. Felizmente, as nossas empresas, até por uma questão de sustentabilidade e de posicionamento no mercado, têm uma preocupação cada vez maior com as questões ambientais. A economia circular é uma inevitabilidade se quisermos continuar a viver neste planeta e, face à escassez cada vez maior de recursos, a indústria cerâmica está a mudar de paradigma, protegendo os recursos naturais e a própria qualidade de vida das comunidades onde se insere. Este é um desafio transversal a todas as áreas e setores económicos.

PUB

X Jantar Conferência

CERÂMICA o coração da Bairrada

RETRATO ECONÓMICO DO CONCELHO

Setor cerâmico é rei em terras de barro

Com oito zonas industriais, atualmente em processo de reorganização e expansão, o concelho de Oliveira do Bairro, cujas ligações à agricultura sempre foram um marco importante, começou a assumir-se um polo aglutinador da indústria da região, muito a partir de 1990, com criação das primeiras zonas industriais. Aqui, a cerâmica foi - e é - uma importante âncora da economia local, com quase 37 por cento de toda a indústria transformadora, com destaque para o Fabrico de Porcelana, Faiança, Grés, Olaria e Tijolos, Ladrilhos em Barro Vermelho e Cerâmica (90,7%).

Foi na década de 60 que Oliveira do Bairro, concelho tradicionalmente agrícola, começou a ver a instalação das primeiras indústrias, num processo que 30 anos depois seria impulsionado pela criação das primeiras zonas industriais no concelho, já devidamente infraestruturadas e delimitadas no território, como são os casos de Oiã, Vila Verde, Palhaça e Bustos.

É a cerâmica que se assume como um dos maiores motores da economia local, uma vez que a indústria transformadora de Outros Produtos Minerais Não Metálicos (com uma percentagem local de 36,5%), dá destaque, quase total, para o fabrico de Porcelana, Faiança, Grés, Olaria e Tijolos, Ladrilhos em Barro Vermelho e Cerâmica.

No quadro das atividades industriais oliveirenses seguem-se as unidades Metalúrgicas de Base e de Produtos Metálicos, que empregam pouco menos de 20% da mão-de-obra da Indústria Transformadora. Com um efetivo de 632 trabalhadores, a Indústria de Transformação de Metais não Ferrosos e de Fabricação de Produtos Metálicos assume-se como sendo aquela que engloba a quase totalidade dos ativos empregados nas indústrias metalúrgicas, com um registo relativo da ordem dos 99,5 pontos percentuais.

Ainda na indústria transformadora do concelho, estão a indústria Têxtil, Vestuário, Couro e Calçado, que emprega mais de 11% da população empregada do concelho e a indústria de Material de Transporte, Equipamentos e Máquinas, setores que absorvem mais de 10% da população ativa do concelho.

As Indústrias Alimentares, das Bebidas e do Tabaco, com 52 empresas, e as Indústrias de Fabricação de Outros Produtos Minerais Não Metálicos, com cerca de meia centena de unidades, sedeadas no concelho, representam cerca de 35% do total de empresas que se encontram licenciadas no concelho.

Em menor escala, o concelho tem ainda empresas ligadas à indústria extrativa, conjuntamente com as atividades que se encontram diretamente associadas ao ramo da produção e distribuição de gás, eletricidade e água.

Fonte: Estudos de Caracterização Sectorial da 2.ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Oliveira do Bairro

Pontos fortes para a atratividade de investimento

O Município de Oliveira do Bairro oferece condições únicas para o investimento no seu território, a começar pela centralidade, dada a sua localização geográfica, e pela rede de acessibilidades existente.

Junta-se à excelente localização geográfica a mancha de relevo pouco acentuada e a proximidade a vários centros urbanos (Aveiro, Coimbra e Porto).

Aqui será importante referir que Oliveira do Bairro usufrui de uma facilidade enorme nas deslocações rodoviárias, tanto à escala regional, como nacional, devido à existência e/ou proximidade de eixos rodoviários de relevância regional e nacional, como são exemplos a A1, A17, A25, IC2, EN 235 e EN 333, para além dos eixos locais importantes da EM 596 e ER 335.

Por outro lado, o concelho é servido pela ferrovia, pela Linha do Norte, com paragens em Oliveira do Bairro e Oiã (estações secundárias), nas quais se efetuam paragens de comboios regionais e inter-regionais que fazem a distribuição regional e local. Situação que é muito valorizada dada a proximidade das estações de Coimbra e Aveiro, para deslocações rápidas.

A existência de um parque de feiras e exposições (Espaço Inovação), onde anualmente se mostra o tecido económico local (Expo Bairrada) e durante todo o ano serve de apoio a iniciativas de índole empresarial, apresenta-se como uma mais valia de apoio às empresas.

As oito zonas industriais do concelho (devidamente infraestruturadas e em expansão) tem albergado inúmeros projetos empresariais nos últimos anos, preparando-se para alojar muitos mais com as intervenções em curso. São elas as Zonas Industriais de Oiã, Silveiro, Oliveira do Bairro (Norte), Oliveira do Bairro (Poente), Oliveira do Bairro (Nascente), Vila Verde, Palhaça e Bustos.

X Jantar Conferência

CERÂMICA
o coração da Bairrada

O concelho é atravessado por um conjunto de vias que formam uma rede rodoviária que assegura facilmente as ligações internas e externas. A sua localização geográfica apresenta grandes vantagens, com a proximidade a grandes eixos viários regionais e nacionais, nomeadamente a A1, A25, A17 e IC2, permitindo a fácil ligação a concelhos vizinhos, bem como ao corredor urbano das cidades do Porto, Aveiro e Coimbra, sendo que a A25 permite ainda a rápida ligação ao centro urbano de Viseu.

Incubadora de empresas...

Oliveira do Bairro tem em funcionamento a Incubadora de empresas, que integra o projeto da Incubadora de Empresas da Região de Aveiro (IERA), sendo um espaço privilegiado para apoio e capacitação de empreendedores, que pretendam desenvolver novas ideias de negócio e testar a sua viabilidade num mercado altamente competitivo.

Situada no centro da cidade, junto à Câmara Municipal e ao Quartel das Artes Dr. Alípio Sol, a 300 m da Estação de Caminhos de Ferro, a incubadora está implantada no piso 1 do Edifício do Mercado Municipal.

Possui seis salas de incubação, incluindo sala de co-working, uma sala de formação e um espaço de coffee break, que estão ao serviço dos empreendedores que ali pretendam instalar e desenvolver a sua ideia de negócio.

A incubadora funciona como uma estrutura de apoio disponibilizada aos empreendedores, ao nível físico e de formação e consultoria, para que testem a sua ideia de negócio, a implementem e se autonomizem nos mercados nacionais e internacionais.

... e balcão "Espaço Empresa"

Também no apoio ao tecido empresarial, o Município foi um dos pioneiros do país a disponibilizar o "Espaço Empresa" no seu balcão de atendimento.

O "Espaço Empresa" é uma iniciativa desenvolvida pelo IAPMEI (Agência para a Competitividade e Inovação, IP) em parceria com a AMA (Agência para a Modernização Administrativa) e a AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), permitindo disponibilizar, num balcão único, quase 100 serviços às empresas. Com este balcão, a autarquia disponibiliza aos empresários mais serviços ligados ao IAPMEI, AMA, ICEP, Direção Geral das Atividades Económicas, ASAE, Turismo de Portugal, Agência Nacional de Inovação, Instituto Nacional da Propriedade Industrial, entre outros.

PUB

primefix®
ARGAMASSAS TÉCNICAS ECOLÓGICAS E FUNCIONAIS PARA REVESTIMENTOS E PAVIMENTOS SUSTENTÁVEIS E PERSONALIZÁVEIS.

ARGAMASSA FORMULADA COM GRANULADO DE VIDRO EXPANDIDO → PRIMELIGHT R20
ARGAMASSA FORMULADA COM CORTIÇA E VERMICULITE → PRIMECORK
ARGAMASSA FORMULADA COM GRANULADO DE BORRACHA → PRIMERUBBER
ARGAMASSA FORMULADA COM GRANULADO DE CARVÃO VEGETAL → PRIMECOAL

primefix inovação
A MENTE QUE SE ABRE A UMA NOVA IDEIA JAMAIS RETORNA AO SEU TAMANHO ORIGINAL

Cofinanciado por:
CENTRO 2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Designação do projeto | EFTM (Ecological and Functional Technical Mortars) .
Código do projeto | CENTRO-01-0247-FEDER-017657
www.primefix-technik.com

A indústria cerâmica e a sua importância para a Bairrada e para Oliveira do Bairro

A Região Centro empregava, em 2017, mais de 80% do emprego total nacional da indústria cerâmica portuguesa. Na Bairrada, no mesmo ano, as empresas cerâmicas existentes empregavam 5.341 trabalhadores, o que representa 30,2% do emprego total do setor em Portugal. No concelho de Oliveira do Bairro, contabilizados os dados das 14 empresas do setor na lista das 500 maiores empresas bairradinas, estas empregavam perto de milhar e meio de trabalhadores.

Os números reforçam a importância do setor cerâmico para a Região Centro, para a Bairrada e para o concelho de Oliveira do Bairro. Aos indicadores de emprego juntam-se muitos outros números, consequentemente, favoráveis à vida financeira das empresas, como o volume de negócios, a exportação e a oferta diferenciada desta indústria transformadora.

A título de exemplo, o concelho de Oliveira do Bairro, pela sua forte tradição no setor e pelo empreendedorismo e inovação que carateriza os empresários bairradinos, está presente no mercado com projetos e produtos que abrangem a quase totalidade dos cinco subsetores. São eles: pavimentos e revestimentos cerâmicos (fabricação de azulejos, ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica); cerâmica estrutural (fabricação de tijolos, telhas, abobadilhas e outros produtos cerâmicos para a construção); artigos cerâmicos para usos sanitários; artigos cerâmicos de uso doméstico e ornamental (olaria de barro, fabricação de artigos de uso doméstico de faiança, porcelana e grés fino, fabricação de artigos de ornamentação de faiança, porcelana e grés fino e atividades de decoração de artigos cerâmicos de uso doméstico e ornamental); produtos cerâmicos refratários, isoladores e peças isolantes em cerâmica, fabricação de outros produtos em cerâmica para usos técnicos e fabricação de outros produtos cerâmicos não refratários.

EMPRESAS

Em 2017 a indústria de cerâmica era composta por 1.154 empresas, das quais 454 sociedades e 700 empresas individuais.

Se considerarmos apenas as empresas com 10 ou mais trabalhadores ao seu serviço, o número baixa para 173.

Da Região Centro (conforme organização territorial definida pelas NUTS 2013), fazem parte 502 empresas.

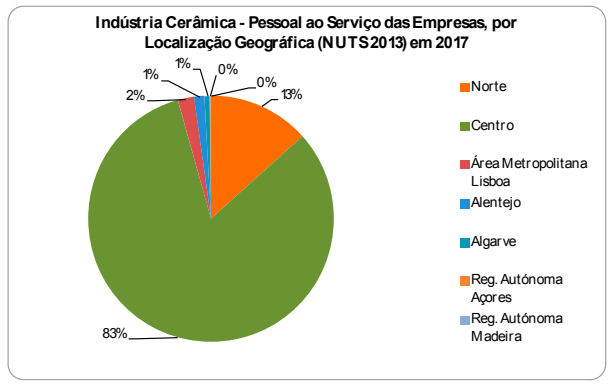
EMPREGO

A indústria cerâmica empregava 17.670 trabalhadores em 2017, o que representava 2,5% dos trabalhadores da indústria transformadora nacional.

Na Região Centro está concentrado 83% do emprego total nacional da indústria cerâmica portuguesa.

A região da Bairrada, que abrange os municípios de Anadia, Oliveira do Bairro, Águeda, Mealhada, Cantanhede, Vagos, Aveiro e Coimbra, tem forte tradição e implantação da cerâmica, que está representada ao nível dos vários produtos fabricados nesta indústria.

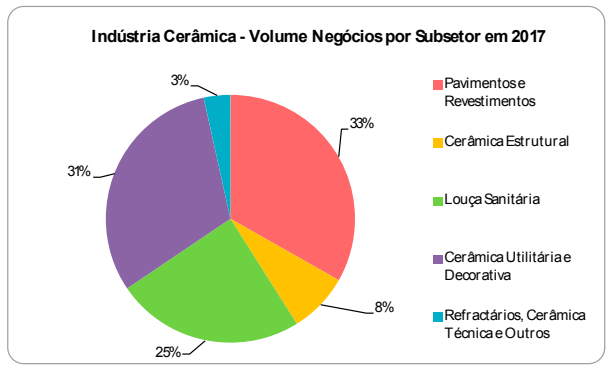
No que diz respeito ao emprego, as empresas cerâmicas existentes na Bairrada empregavam 5.341 trabalhadores em 2017, o que representa 30,2% do emprego total do setor em Portugal.



Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

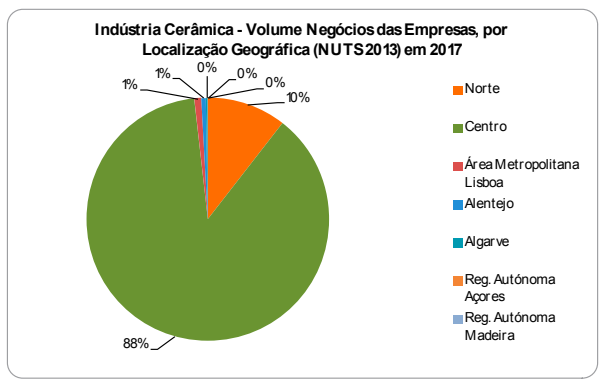
VOLUME DE NEGÓCIOS

O volume de negócios gerado na indústria de cerâmica ascendeu a 1.150 milhões de euros em 2017, com a contribuição dos seus diversos subsetores, com destaque para os pavimentos e revestimentos e cerâmica utilitária e decorativa.



Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

Se considerarmos a localização geográfica das empresas que estão na origem do volume de negócios gerado na indústria cerâmica portuguesa, constatamos que a Região Centro é aquela que maior importância assume neste setor, com uma contribuição de 88% para o respetivo valor total.



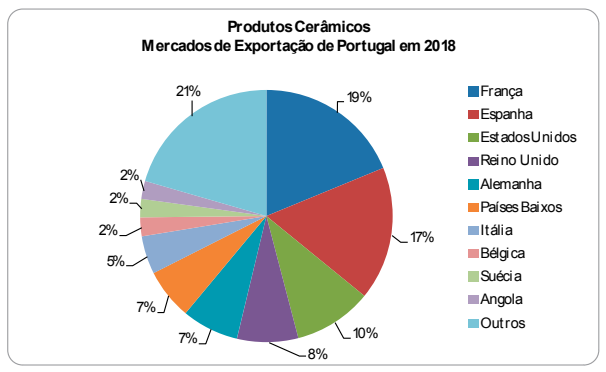
Fonte: INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

A região da Bairrada contribuiu, em 2017, para o volume de negócios gerado na indústria de cerâmica com 420 milhões de euros, o que representa 36,5% do respetivo total nacional.

EXPORTAÇÕES

No ano de 2018, as exportações portuguesas de produtos cerâmicos ascenderam a 726 milhões de euros e repartiram-se por 168 mercados internacionais.

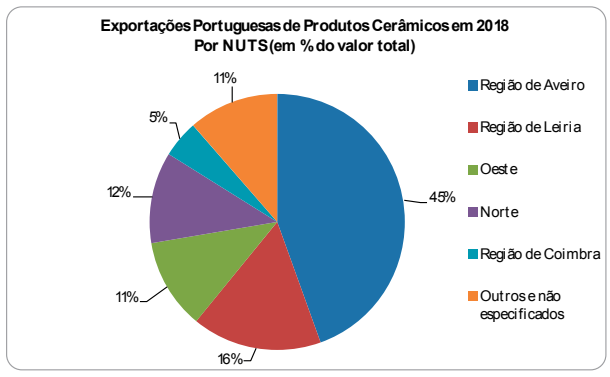
Para o conjunto de produtos cerâmicos, a França foi o principal mercado de destino da produção nacional, seguindo-se a Espanha, Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha.



Fonte: INE – Comércio Internacional de Bens, dados preliminares de 2018

As regiões de Portugal onde existe uma maior concentração na produção de cerâmica e que mais contribuíram para as nossas exportações em 2018 foram o Centro (81,0%) e o Norte (11,6%).

De acordo com a abrangência geográfica correspondente às NUTS-2013, a Região de Aveiro foi responsável por 44,5% do valor das nossas exportações de produtos cerâmicos em 2018, seguindo-se a Região de Leiria com 16,4% e o Oeste com 11,5%.



Fonte: INE – Comércio Internacional de Bens, dados preliminares de 2018

A região da Bairrada contribuiu, em 2018, com 242 milhões de euros para as exportações portuguesas de produtos cerâmicos em 2018, o que representa 33,3% do respetivo valor total nacional.

Com António Oliveira
Consultor Económico da APICER

X Jantar Conferência

CERÂMICA
o coração da Bairrada

RETRATO DO SETOR EM OLIVEIRA DO BAIRRO

As 14 maiores empresas empregam mais de 1.300 trabalhadores e faturam 101 ME

As 14 maiores empresas do setor cerâmico localizadas no concelho de Oliveira do Bairro - e que constam da listagem das 500 maiores empresas da Bairrada, publicada pelo Jornal da Bairrada nos finais de 2018 - empregavam, no ano de 2017, 1319 trabalhadores.
Dados referentes àquele ano apontam que essas 14 empresas do concelho faturaram cerca de 101 milhões de euros e exportaram cerca de metade (47 milhões de euros), maioritariamente para destinos como Alemanha, Angola e França.

Nome	Atividade	Número Trabalhadores	Volume Negócios	Exportações
Recer - Indústria de Revestimentos Cerâmicos, S.A.	Fabricação de Ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica	279	29.137.997,00	13.849.459 ,00
METALCERTIMA - Indústria Metalomecânica, S.A	Fabricação de máquinas para as indústrias de materiais de construção, cerâmica e vidro	117	15.897.844,00	15.222.378,00
GRESART - Cerâmica Industrial, S.A	Fabricação de ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica	175	14.912.803,00	3.761.255,00
MODICER - Moda Cerâmica, S.A	Fabricação de ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica	87	8.110.781,00	Sem dados
TOPCER - Indústria de Cerâmica, S.A.	Fabricação de ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica	73	7.684.441,00	7.358.847,00
FERI & MASI, S.A.	Fabricação de ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica	107	4.388.424,00	3.079.030,00
CCA - Cerâmica Culinária e Alimentar, S.A.	Fabricação de artigos de uso doméstico de faiança, porcelana e grés fino	101	4.026.959,00	3.857.225,00
PORCEL - Indústria Portuguesa de Porcelanas, S.A.	Fabricação de artigos de uso doméstico de faiança, porcelana e grés fino	105	3.625.830,00	2.735.259,00
PRIMAGERA 3 - Terracota, Indústria Cerâmica de Barro Vermelho, S.A.	Olaria de barro	121	3.623.894,00	Sem dados
SOLCER - Empresa Cerâmica, S.A.	Fabricação de abobadilhas	35	2.759.895,00	Sem dados
CERÂMICA SOTELHA S.A.	Fabricação de telhas	49	2.237.465,00	417.166,00
FRANTECER, LDA	Fabricação de máquinas para as indústrias de materiais de construção, cerâmica e vidro	22	2.038.886,00	288.045,00
POLITILE - Indústria Cerâmica S.A.	Fabricação de artigos de uso doméstico de faiança, porcelana e grés fino	18	1.596.587	Sem dados
EMBALGRÉS - Cerâmica em Grés, S.A.	Fabricação de artigos de ornamentação de faiança, porcelana e grés fino	30	1.295.834,00	745.027,00

RENATO ALMEIDA, PRESIDENTE DA ACIB

Reinventar a Cerâmica

A pertinência do tema da X conferencia do Jornal da Bairrada, "Cerâmica, o Coração da Bairrada", transporta-nos para outros tempos, altura onde a tecnologia era limitada, esta matéria-prima valia ouro, e a economia circulava em torno desta, na região da Bairrada, como em tantos outras no nosso Portugal.

Tempos depois constitui-se a Associação dos Industriais de Cerâmica da Região de Aveiro mas pelo meio criaram-se inúmeras empresas do setor, que foram crescendo paralelamente com o aumento da construção civil, até à capacitação para a internacionalização em mercados competitivos, pela qualidade dos materiais apresentados.

Empresas, fabricas produtivas de azulejo, louça, ladrilho, tijolo, vasos, entre tantos outros derivados foram adquirindo dimensão, dando emprego a muita gente qualificada que a ACIB, juntamente com outros parceiros, deu escala à certificação,apoio à contratação laboral, formação aos colaboradores, entre outros serviços.

É desejável e com vontade de contribuir que a ACIB, como associação empresarial da Bairrada, ambiciona o surgimento de novas empresas sob o conceito de cerâmica reinventada, com base em formação especializada nas escolas, com pensamento ambiental e de reutilização, onde o setor se sinta na moda e a região saiba valorizar o património existente enquadrando as novas gerações.

PUB

cencal
centro de formação profissional para a indústria de cerâmica

Caldas da Rainha
Marinha Grande
Alcobaça
Vagos

Técnicos
de Cerâmica
de Modelação Cerâmica
de Pintura Cerâmica
de Cerâmica Criativa

Ações de formação a pedido e à medida da sua empresa

Contacte-nos

+351 262 840 110 forme@cencal.pt

2019. CENCAL CALDAS DA RAINHA RUA LUIS CALDAS | APARTADO 39 | 2504-909 CALDAS DA RAINHA

exsepi
Desde 1991
A TRAÇAR NOVOS CAMINHOS

Sistemas, Automação e Inovação Industrial

- Automação e Controlo Industrial
- Instalações Elétricas
- Desenho e Projeto
- Robótica e Visão Artificial
- Sistemas de Pesagem
- Gestão de Energia
- Ambiente
- Soluções Chave na Mão
- Software Industrial
- Manutenção Industrial

www.exsepi.com

Tel: 231 510 350 - Fax: 231 510 355
e-mail: geral@exsepi.com

REDE PME inovação

TÜVRheinland CERTIFIED
Management System ISO 9001:2015
www.tuv.com ID 9105055192

ENTREPOSTO A. FONTES
Variante de Aveiro - Aveiro - Tel. 234 346 200
Rua Manuel José da Silva - Oliveira de Azeméis - Tel. 256 028 890/1
Zona Industrial do Roligo - Espargo - S.M. Feira - Tel. 256 331 006
www.entrepostoauto.pt - Contact Center: 808 500 115

SILVIA MACHADO, APICER

Economia Circular e indústria cerâmica

O conceito de Economia Circular (EC), não sendo totalmente novo, ganhou relevância com a adoção no final de 2015, pela Comissão Europeia, do Pacote Legislativo sobre Economia Circular "Fechar o ciclo".

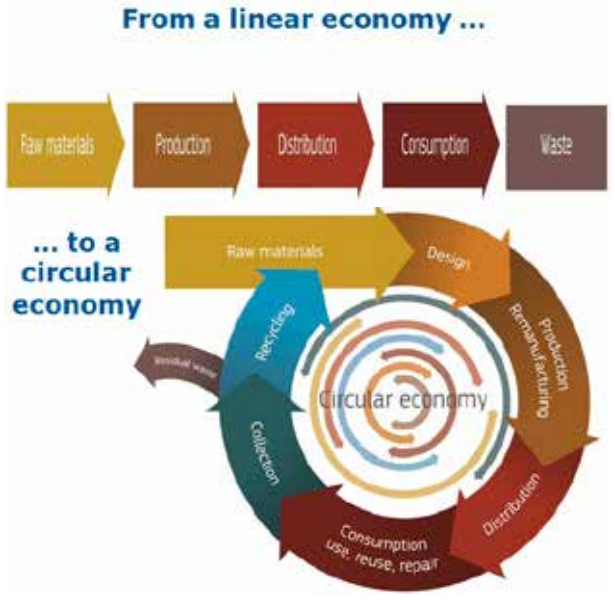
Estratégias de Economia Circular

Esse Pacote incluiu, entre outras peças, um Plano de Ação para a Economia Circular com 54 medidas a implementar em todas as fases do ciclo de vida: da recolha, à produção e consumo até à gestão de resíduos.

Incluiu igualmente uma proposta legislativa revista sobre os resíduos, que estabeleceu novos objetivos de redução- nova Diretiva-Quadro dos Resíduos, publicada em maio de 2018, e a Estratégia Europeia para os Plásticos que conduziu ao desenvolvimento da Diretiva relativa à redução do impacto de determinados plásticos no ambiente, que deverá ser publicada ainda antes do verão.

O QUE É A ECONOMIA CIRCULAR

Trata-se de um novo modelo económico que resulta da transição de um modelo económico linear-tradicional de recolha, produção, utilização e eliminação, para um novo modelo que assenta no princípio de que o valor dos produtos e materiais deve ser mantido o maior tempo possível.



Fonte: DG Ambiente- Comissão Europeia

ESTRATÉGIAS DE IMPLEMENTAÇÃO

Para aplicar e promover este novo modelo, a Comissão Europeia apresentou várias estratégias que, não constituindo grandes novidades em cada um dos seus elementos, estão pensadas de forma complementar e abrangente: numa abordagem Berço-ao-Berço (Cradle to Cradle).

Atuar sobre a eficiência material e energética é, sem dúvida, relevante, mas não altera o facto da natureza ser finita em termos de recursos, e apenas adia, transfere, custos para as gerações futuras.

Além da conversão para energias renováveis, é fundamental desmaterializar, adotar modelos de aluguer ou partilha de equipamento/ partilha transporte (coletivo ou sharing) e substituir, sempre que vantajoso, serviços físicos por serviços virtuais.

Evoluímos da política dos 3 Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) para uma política multi-Rs: Reduzir, Retomar, Reparar, Reutilizar, Reciclar, Recuperar, Redistribuir e Redesign.

É preciso continuar a Inovar mas numa perspetiva de ciclo completo, isto é, pensar nos produtos pensando não só na fase de utilização (no cliente) mas em todo o ciclo de vida: Menos recurso; mais reparabilidade/ reutilização e possibilidade de reciclagem.

Vamos ouvir muito a expressão "Design for Recycling & Disassembly" que se refere à promoção de negócios centrados na manutenção e reparação de equipamentos e produtos.

Todas estas estratégias exigem: Desenvolver/projetar com enfoque na redução da embalagem, na possibilidade recarga e reparação; Criar simbioses entre pessoas, entre empresas, entre setores e entre regiões; Desenvolver novos modelos de negócio centrados na manutenção/reparação e redistribuição; Mudar o nosso estilo de vida, alcançar um modelo de sociedade colaborativa; Melhorar a qualidade dos produtos reciclados.

No centro, no cerne destas questões, está o desenvolvimento da regulação adequada e promotora da adoção de novas atitudes e modelos de negócio. E a indústria transformadora precisa de garantia do controlo e manutenção das condições de concorrência.

Por outro lado, tributação sim mas após avaliação dos impactos numa abordagem de ciclo completa, i.e., não se deve penalizar um produto que na sua fase de produção tem um impacto significativo se no resto do seu ciclo de vida tiver impacto reduzido.

ECONOMIA CIRCULAR

Modelo económico regenerativo e restaurador "por design", em que os recursos usados direta ou indiretamente em componentes, equipamentos, produtos, serviços, entre outros, são geridos de modo a preservar o seu valor e utilidade pelo maior período de tempo possível, aumentando assim a sua produtividade e preservando o capital natural e o capital financeiro das empresas e sociedade civil.

PUB

X Jantar Conferência

CERÂMICA
o coração da Bairrada

CONTRIBUIÇÕES DO SETOR E PRODUTOS

Como pode o setor cerâmico contribuir para que seja possível alcançar a EC?

Em termos de processo, sem dúvida, na melhoria contínua de eficiência e inovação dos processos.

Mas são os produtos a nossa grande "arma" devido às suas propriedades intrínsecas.

É um setor consumidor intensivo de energia, mas numa abordagem cradle-to-cradle, o balanço energético do produto cerâmico é reduzido quando comparado com outros materiais porque é imperativo ter em conta a sua elevadíssima durabilidade.

Voltando às propriedades intrínsecas dos produtos cerâmicos, é preciso destacar as suas propriedades térmicas, ou de condutibilidade elétrica, muito tem contribuído para a melhoria da eficiência energética e de recursos em muitos outros setores.

Os produtos cerâmicos são igualmente reutilizáveis, embora para tal seja fundamental o desenvolvimento de sistemas eficientes de recolha.

A transformação química de argilas em cerâmica não permite 100% de reciclagem em circuito fechado, mas dado o caráter inerte dos produtos cerâmicos, existe uma possibilidade valiosa para a sua reciclagem em circuito aberto.

No fim-de-vida, os resíduos são materiais inertes, não tóxicos, sem quaisquer riscos de contaminação dos solos, podendo ser reutilizados em outros setores industriais, como o cimento, as argamassas ou os aglomerados reciclados. Os resíduos de cerâmica podem inclusivamente ser valorizados na recuperação paisagística – previsto na definição do "enchimento" que a CE introduziu com a nova Diretiva Quadro dos Resíduos (Diretiva 2018/851, de 30 de maio): «17-A. "Enchimento", qualquer operação de valorização em que resíduos não perigosos adequados são utilizados para efeitos de recuperação em zonas escavadas ou para fins de engenharia paisagística. Os resíduos utilizados para enchimento devem substituir os materiais que não são resíduos, ser adequados para os fins acima referidos e limitar-se às quantidades estritamente necessárias para esses efeitos».

A indústria, com o apoio das entidades tecnológicas, tem inovado imenso em termos de produto. Têm sido desenvolvidos diversos produtos multifuncionais que contribuem para a eficiência de recursos também na fase de utilização:

- As coberturas ou fachadas com incorporação de células fotovoltaicas ou os acessórios de compatibilização com equipamentos solares - maior utilização da energia solar;
- Tijolos acústicos - redução de construção barreiras – redução do consumo de recursos;
- Louça sanitária multifuncional – redução do consumo de água;
- Incorporação de subprodutos do próprio processo cerâmico e valorização de resíduos de outros setores;
- Revestimento de cerâmica ou sanitários com função autolimpantes, propriedade conferida por uma superfície revestida com nanomateriais fotocatalíticos – menores custos de manutenção dos edifícios, menor impacto no ambiente;
- Tijolos cerâmicos resistentes- menor consumo de betão armado (recursos); maior conforto térmico (menos pontes térmicas), menor consumo de energia.

PROJETOS DE MEDIDAS CIRCULARES

Em 2017, a APICER obteve a Decisão de Subprodutos do setor, a primeira fase de criação da estrutura legal necessária para chegar à criação de um novo mercado de matérias-primas secundárias - se um material tiver posterior utilização noutro processo produtivo, do mesmo setor ou outro, sem necessidade de qualquer processamento que não seja o da prática industrial comum (onde se inclui trituração e moagem), poderá ser reclassificado e considerado um subproduto.

Para que tal se desenvolva, é fundamental desenvolver normas de qualidade dos subprodutos que garantam composição e características constantes, necessárias à existência de um mercado de facto para matérias-primas secundárias.

Ainda em 2017, apenas cerca de 1.000 toneladas de desperdícios do processo cerâmico foram enviadas e utilizadas como subproduto. Já em 2018, esse valor teve muito mais expressão e aumentou para um valor superior a 28 mil toneladas. Os principais destinos atuais dos subprodutos cerâmicos são o fabrico de matérias-primas do setor, o fabrico de cimento e as operações de terraplanagem e arranjo de caminhos e estradas.

Cabe agora fazer o balanço do procedimento adotado, rever a Decisão à luz da nova Diretiva Quadro dos Resíduos, e desenvolver propostas de melhoria para incrementar este fluxo de material secundário, reforçando o papel das empresas do setor na transição para a economia circular. Para promover a reutilização dos produtos cerâmicos é necessário promover técnicas de desconstrução que permitam a separação de diferentes materiais reutilizáveis ou valorizáveis (ex. separar argamassas dos ladrilhos), o que exige simbioses com o setor da construção e fileiras de outros materiais.

Também no caso da louça, promover um sistema de recolha próprio para esse tipo de resíduo, melhorando ao mesmo tempo a qualidade da recolha de outro tipo de resíduos (ex. o vidro de embalagem), irá contribuir para melhorar as taxas de reciclagem.

O setor trabalha no sentido de desenvolver e viabilizar novos produtos cerâmicos (como agregados leves ou unidades de alvenaria com melhoradas propriedades térmicas e acústicas) pela incorporação de resíduos/subprodutos de outros setores: resíduos de couro, resíduos do papel, escórias, pó de pedra, ou lamas. Além da redução do consumo de recursos, obter-se-ão produtos com diferentes desempenhos técnicos. A promoção desta via depende igualmente da iniciativa desses setores onde os materiais são gerados.

DECISÃO 9/2017, 16 Agosto 2017

Desperdícios abrangidos	Utilizações consideradas
•Aparas resultantes da conformação da pasta antes do processo térmico; •Partículas e poeiras, recolhidas do sistema de despoeiramento; •Peças cerâmicas não conformes, após processamento térmico	•Fabrico de pasta cerâmica •Fabrico de materiais de construção (cimento, betão, argamassas, agregados) •Terraplanagens e construção e reparação de estradas •Pavimentação de áreas desportivas

Procedimento:

✓ As empresas comunicam a sua pretensão de utilização da Decisão à APICER que analisa internamente e submete à aprovação da APA

✓ Integração na lista de empresas utilizadoras da Decisão na página da APA

✓Reporte anual da APICER à APA

PUB

X Jantar Conferência

MARISA ALMEIDA, VICTOR FRANCISCO - CTCV

Economia Circular, do resíduo ao recurso

Nos últimos tempos, temos assistido a uma pressão quantitativa sobre os recursos naturais, objeto de preocupação social e de estudos científicos, contribuindo para uma perspetiva interdisciplinar e diferente orientação sobre o desenvolvimento mundial.

As tendências atuais de crescimento populacional, aumento da procura e consequente pressão nos recursos naturais têm vindo, assim, a salientar a necessidade das sociedades modernas desenvolverem um paradigma mais sustentável.

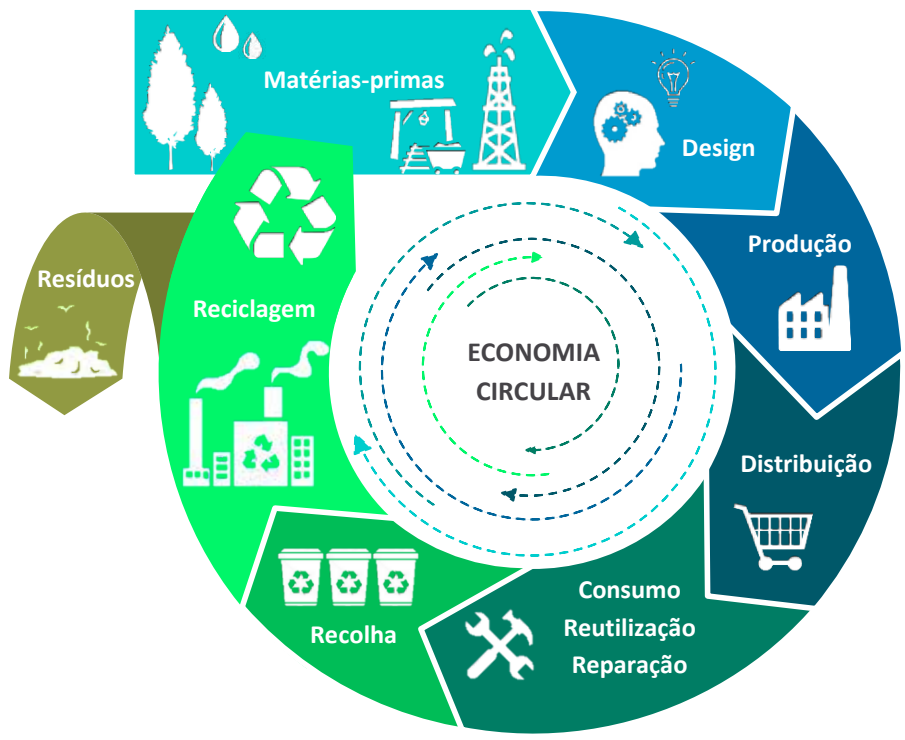


Figura 2 - Economia Circular

O modelo económico da atualidade, baseado numa abordagem linear de "recolha, transformação e eliminação" (Figura 1), onde todos os produtos atingem eventualmente um estatuto de "fim de vida útil", está a atingir os seus limites físicos face à escassez de recursos para satisfazer as necessidades presentes (Almeida et al, 2016).

Neste tipo de economia linear, a vida útil dos materiais é muito curta, sendo transformados em resíduos num reduzido período de tempo, o que contribui para uma elevada produção de resíduos, originando diversos problemas ambientais, sociais e económicos.

A solução alternativa para minimizar consumos de materiais e perdas de energia, será um novo modelo económico que funcione em circuitos fechados, catalisados pela inovação ao longo de toda a cadeia de valor.

A transição para uma economia circular redireciona o foco para a reutilização, reparação, renovação e reciclagem dos materiais e produtos existentes, ou seja, o que era visto como um "resíduo" pode ser transformado num recurso.

A Economia Circular (Figura 2) consiste numa "resposta ao desejo de um crescimento sustentável no contexto da pressão crescente que a produção e o consumo exercem sobre o ambiente e os recursos mundiais" (CE, 2014). É regenerativa e restaurativa por princípio, tendo como objetivo manter produtos, componentes e materiais no seu mais alto nível de utilidade e valor ao longo do tempo (Ellen MacArthur Foundation, 2012).

Esta transição oferece diversos mecanismos de criação de valor dissociados do consumo de recursos finitos, substituindo o conceito de fim-de-vida da economia linear, por novos fluxos circulares de reutilização, restauração e renovação, num processo integrado. Tem em vista uma ação mais ampla, desde o redesenho de processos, produtos e novos modelos de negócio até à otimização da utilização de recursos.

A economia circular assume-se como uma forma de contribuir para a mitigação e adaptação às alterações climáticas, baseando-se na eficiente gestão e uso dos recursos, mas capaz de responder à gradual necessidade de produção de bens de consumo. Este novo paradigma, de organização das atividades económicas e sociais, tem vindo, nos últimos tempos, a gerar reações no mercado e motivado o aparecimento de novas economias e mesmo modificações nos modelos de negócio das empresas e no próprio comportamento dos consumidores.

Para tal, é fundamental que as empresas adotem práticas de ecodesign, com o objetivo de maximizar a eficiência no uso de recursos e que os seus produtos sejam concebidos tendo em conta a sua durabilidade, reparação, desmantelamento e aproveitamento de materiais. E os consumidores devem alterar os seus hábitos de consumo, privilegiando a partilha e a durabilidade.

ECONOMIA CIRCULAR NA INDÚSTRIA CERÂMICA

Existem vários exemplos de economia circular estudados ou em aplicação, na indústria cerâmica, nomeadamente inovações classificadas como estratégias de ecodesign, simbioses industriais, extensão do ciclo de vida, ecoeficiência e valorização de resíduos e subprodutos, entre outras.

Salienta-se ainda que o CTCV encontra-se envolvido no desenvolvimento de um centro transfronteiriço para favorecer a geração de novos modelos de negócio baseados no Ecodesign, na economia circular e na economia verde (DEGREN_DEsign & Green ENgineering), que inclui várias atividades:

- Atividade 1: Mapeamento de Recursos e Observatório de ECODESIGN;
- Atividade 2: Capacitação e Serviços a Empresas em ECODESIGN;
- Atividade 3: Laboratório de Projetos Técnicos em ECODESIGN.
- Atividade 4: Plano Estratégico e de Internacionalização em ECODESIGN.

No campo da valorização de resíduos, o CTCV tem efetuado uma série de ensaios de incorporação de resíduos tão diversificados como lamas de ETAR, lamas de ETA, resíduos de celulose, resíduos florestais, pó de cortiça, resíduos da indústria metalúrgica, cinzas volantes, lamas de curtumes, lamas de corte de pedra natural, resíduos de lâmpadas fluorescentes, etc., em materiais cerâmicos principalmente no subsetor da cerâmica estrutural, pavimento e agregados leves.

Apesar das vantagens proporcionadas aos fabricantes cerâmicos em matéria de custos e materiais, muitas empresas quando pretendem colocar em prática as estratégias de economia circular na indústria cerâmica, são confrontadas com obstáculos técnicos como incerteza quanto à sua qualidade, podendo ser difícil determinar os níveis de impurezas ou a adequação para uma reutilização e ainda obstáculos legais e burocráticos dificultando esta transição para uma economia circular.

Figura 1 - Economia linear

Que desafios enfrenta o setor?

Constrangimentos laborais, ambientais e fiscais juntam-se à falta de quadros qualificados e ao aumento dos preços da energia. São estes alguns desafios que os empresários do setor cerâmico têm pela frente e que comprometem, e muito, a competitividade, acusam.

A indústria cerâmica portuguesa, em geral, debate-se atualmente com uma situação "muito particular e com contornos significativamente diferentes do passado", alerta Sérgio Santo, CEO da Cerâmica Culinária e Alimentar (CCA), apontando que apesar do país ser reconhecido internacionalmente como um dos mais capazes a nível europeu na produção e comercialização de produtos cerâmicos, desde a cerâmica estrutural até à utilitária e decorativa, "tal facto não impede que, sobretudo devido a fatores de contexto, o setor cerâmico atravesse um período de menor fulgor, com perda de competitividade e maior dificuldade de colocação dos produtos fabricados em Portugal em mercados globalizados e altamente concorrenciais como os mercados europeu e americano".

Sérgio Santos aponta o aumento significativo dos preços da energia (gás e eletricidade) e a falta de recursos humanos e tecnológicos mais qualificados nas empresas , aliados à forte instabilidade nos mercados europeu e mesmo mundial, como causas de "um panorama de grande incerteza na maioria das empresas do setor da cerâmica utilitária e decorativa em Portugal".

Para inverter tal situação, aquele responsável defende ser necessário "alterar significativamente as políticas energéticas do país, desenvolver um clima interno estável e favorável, para uma muito maior abertura a concessão de crédito às empresas exportadoras, e sobretudo, melhorar e adaptar aos dias de hoje o processo de formação no ensino geral e profissional dos jovens com novas e melhores qualificações para reforço da 'inteligência no chão de fábrica' das empresas", conclui.

CONSTRANGIMENTOS FISCAIS E AMBIENTAIS

Por sua vez, Miguel Roque, administrador da Porcel, ressalva que os desafios são muito diferentes para os cinco subsetores da cerâmica, mas adianta que para todos eles "o grande desafio é a diversificação de mercados e de clientes. Quanto mais clientes e mais diversificados, menor é o risco da empresa".

Analisando as dificuldades atuais que se colocam ao setor, Miguel Roque fala de constrangimentos de ordem laboral e fiscal que "não ajudam nada à competitividade". "Temos uma fiscalidade desajustada, daí que à medida que há maior controlo, deveria haver uma diminuição da carga fiscal".

Aquele responsável fala de constrangimentos internos e estruturais que pouco abonam no mercado externo por questões de competitividade. "Outros destes constrangimentos são as leis laborais impostas pela Europa, que são muito restritivas". A estas juntam-se, a nível ambiental, "diretivas, também elas muito restritas, que condicionam a nossa competitividade a nível mundial, por aumentarem os fatores de custo".

ESFORÇO SUPLEMENTAR PARA CREDIBILIZAR PRODUTOS

Diogo Castro Almeida, da administração da Sotelha, aponta como grande desafio comunicar a importância e genuinidade dos produtos cerâmicos, telhas e coberturas, em particular. E começa por esclarecer que a telha cerâmica, entendida no mercado da construção como um produto tradicional que está associado a uma determinada tipologia de arquitetura menos contemporânea, tem como pressuposto a utilização de coberturas inclinadas. No entanto, "a comunicação das valências do produto, telha cerâmica, aos players do setor da construção foi secundarizada, sendo agora necessário um esforço suplementar para demonstrar as apetências naturais da telha cerâmica como elemento eficaz para a proteção das coberturas como garantia de conforto, durabilidade prolongada e inocuidade para a saúde humana e para o meio ambiente".

Referindo que atualmente existem alguns produtos que tentam imitar a telha cerâmica para as coberturas habitacionais, aquele responsável aponta que "não deixam de ser sempre imitações. E conclui que "os impactos no meio ambiente durante a utilização e no fim de ciclo de vida do produto são insignificantes".

PUB

X Jantar Conferência

ANA ABRUNHOSA, PRESIDENTE DA CCDRC

A CCDRC e a Economia Circular

Os desafios que hoje atravessamos, apesar de complexos e exigentes, são nossos conhecidos. Muitos deles parecem resultar de algumas das nossas escolhas do passado recente e do modo como nos organizámos enquanto economia e sociedade. Atualmente, um pouco por todo o mundo e de diferentes formas, discutimos a demografia, a crise ambiental que atravessamos, o crescimento económico e a necessidade de maior coesão social.

Estamos cientes dos desafios a que nos cabe dar resposta. Por isso mesmo, falamos também (e cada vez mais) da Indústria 4.0, da importância da inovação e da investigação na resposta aos desafios societais, do envelhecimento ativo e saudável, entre muitos outros temas. A Europa deseja um crescimento baseado no conhecimento, valorizando os recursos de que dispomos – humanos e naturais. Entre as diferentes áreas de trabalho que a CCDR Centro assume como prioritária para a Região temos a economia circular, quer pela transversalidade de problemas que se propõe abordar, quer pelo apoio político de que beneficia. Também para os atores da Região, a economia circular tem vindo a ser assumida como um referencial estratégico de desenvolvimento que contribui para dar resposta às necessidades atuais e futuras do território, relacionadas com a gestão dos seus recursos.

No contexto europeu, este processo de transição para a economia circular tem vindo a ser assumido como prioridade desde 2015. Mais tarde, no contexto nacional, no final de 2017, assistimos à aprovação do Plano de Ação para a Economia Circular (PAEC) e à formalização do compromisso de Portugal em adotar a abordagem estratégica da economia circular. Nesse compromisso, foram garantidas as condições para o desenvolvimento de agendas regionais de transição para a economia circular, adaptadas às especificidades socioeconómicas de cada região. Com este processo cumulativo e gradual, para além de se garantir a difusão e o desenvolvimento coerente das políticas nos diferentes níveis de ação (europeu, nacional e regional), vimos cumprir-se o desígnio de proximidade aos territórios, fulcral para a economia circular. Dados estes passos, é chegado o momento de discutirmos e planearmos a transição do Centro de Portugal para a economia circular.

Mas afinal, de que se trata este conceito? Embora haja dezenas de definições disponíveis, a economia circular consiste num modelo económico regenerativo e restaurador, em que os recursos (materiais, componentes, produtos, serviços) são geridos de modo a preservar o seu valor e utilidade pelo maior período de tempo possível. Para tal, é fulcral promover a reaproximação entre os sistemas de produção e consumo, a economia de partilha, a transformação dos produtos em serviços, as simbioses industriais e o consumo responsável.

Enquanto consumidores, cabe-nos Repensar, Recusar, Reutilizar, Reparar, Reduzir, Recuperar, Redistribuir e (se tudo o resto falhar) Reciclar. Enquanto região, cabe-nos cumprir o plano que definimos conjuntamente. É altura de apostar na investigação científica e tecnológica, dinamizar as compras públicas inovadoras e circulares, assegurar a educação, sensibilização e capacitação, facilitar estratégias empresariais e simbioses industriais e promover a economia circular ao serviço da inovação e coesão territorial. Para além disso, porque é na nossa realidade que queremos intervir, temos de preparar estratégias específicas para os setores mais relevantes na região. Pela relevância económica, pela forte componente inovadora e o alinhamento já demonstrado com o tema da economia circular, um dos setores claramente relevantes para o Centro de Portugal é o da cerâmica. Logo em 2016, quando a CCDRC iniciou a sua participação num projeto europeu (SCREEN), participado por outras 17 regiões europeias e financiado pelo Horizonte 2020, a cadeia de valor da cerâmica foi destacada como prioritária. Desde então, foi-nos possível perceber a evolução e as conquistas da indústria da cerâmica no tema da economia circular. Desde a reutilização de materiais nos processos produtivos (como é exemplo a telha), a reciclagem de materiais cerâmicos oriundos do setor da construção ou a cooperação já existente entre a indústria e as entidades do sistema científico e de tecnológico, muitos são os sinais do movimento em curso no setor. Ainda assim, mais caminho há para correr e é necessário garantir que continuamos a disseminar a importância da economia circular, a contribuir para melhorar a legislação de forma a permitir mudanças mais circulares no setor e assegurar as condições de financiamento adequadas ao setor. Nesta área em particular, é importante garantir que os instrumentos de financiamento disponíveis estão aptos para apoiar a transição da cadeia de valor da cerâmica para a economia circular.

"Enquanto consumidores, cabe-nos Repensar, Recusar, Reutilizar, Reparar, Reduzir, Recuperar, Redistribuir e (se tudo o resto falhar) Reciclar."

No que diz respeito ao financiamento comunitário, para além dos instrumentos do presente período de programação já destinados a apoiar a transição para a economia circular, sabemos que o tema veio para ficar. Depois de 2020, não só ao nível dos Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, mas também das iniciativas e programas comunitários com gestão direta da Comissão Europeia, a economia circular será uma das áreas prioritárias para a programação dos instrumentos de financiamento. Com este apelo, cabe aos agentes nacionais e da região começar a preparar o futuro que se aproxima. Como região, é altura de começar a pensar novas e mais sustentáveis formas de produção e consumo. São também necessários novos modelos para as cidades e o território que favoreçam a sua resiliência e a proximidade às populações.

A economia circular, para além de uma resposta a muitos dos desafios da atualidade, é uma oportunidade para encararmos os problemas que caracterizam o nosso território de uma forma sistémica. Façamo-nos valer da colaboração entre setores, clusters e da cooperação entre o sistema científico e tecnológico e o tecido empresarial da região.

Pavimentos filtrantes desenvolvidos a partir de produtos cerâmicos de baixo valor

Vários cenários de alterações climáticas apontam para uma diminuição dos valores médios de precipitação anual, associados ao aumento de riscos de chuvas torrenciais. Este cenário traduz-se em menos episódios de chuva por ano mas com maiores intensidades de precipitação como se tem observado recentemente. As consequências são, portanto, o aumento do risco de seca associado a um aumento do risco de inundações.

Para uma melhor gestão do problema derivado da falta (seca) ou excesso (inundação) de água, em ambientes urbanos, devem ser implementados sistemas de drenagem urbana sustentável e, em particular, pavimentos permeáveis para reduzir estes riscos.

A necessidade de melhorar a resiliência das cidades às mudanças climáticas e promover o uso de novos sistemas de drenagem urbana cria oportunidades para o desenvolvimento de produtos inovadores, visando a reabilitação de áreas urbanas.

A necessidade de melhorar a resiliência das cidades às mudanças climáticas e promover o uso de novos sistemas de drenagem urbana cria oportunidades para o desenvolvimento de produtos inovadores.

O desenvolvimento de pavimentos permeáveis representa assim uma oportunidade para a reutilização de pavimentos cerâmicos de baixo valor, configurados e assemblados de forma a permitir a infiltração da água no solo. Este tipo de solução contribui para promover a redução da quantidade destes materiais cerâmicos atualmente armazenados, dando-lhe uma nova utilização e contribuindo para uma Economia Circular.

O PROJETO LIFE CERSUDS

O projeto LIFE CERSUDS - Pavimentos cerâmicos filtrantes visa desenvolver um sistema de drenagem, tendo por base produtos cerâmicos de baixo valor comercial, para utilização em zonas urbanas. Procura aumentar a capacidade de adaptação e mitigação das cidades às alterações climáticas, promovendo o uso de infraestruturas sustentáveis no planeamento urbano. Estes pavimentos configuram uma superfície permeável, cuja "pele" é constituída por um sistema inovador, com baixo impacte ambiental, construído usando stocks de pavimentos cerâmicos de baixo valor. Este projeto parte de uma caracterização de stocks de pavimentos cerâmicos de baixo valor comercial existentes em Espanha, Itália e Portugal, levada a cabo através de um estudo realizado nestes três países aos fabricantes, para determinar a disponibilidade de stocks de baixo valor existente nesses países, tendo em vista a sua transformação num produto com um novo uso.

O consórcio envolve o Instituto de Tecnologia Cerâmica (ITC), o Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro (CTCV), o Centro Cerâmico de Bolonha (CCB), a Universidade Politécnica de Valencia (UPV), o Ayuntamiento de Benicàssim e as empresas CHM e Trencadis. Participa também como potencial demonstrador em Portugal a Câmara Municipal de Aveiro.

Prevê-se que este sistema possa reduzir a água de escoamento, permitindo a sua reutilização na irrigação, para além de atenuar a poluição difusa e melhorar a qualidade da água em comparação com os sistemas tradicionais. Contribuirá para promover a redução da quantidade destes materiais cerâmicos atualmente armazenados, dando-lhe uma nova utilização.

Neste projeto foi construído um demonstrador na cidade espanhola de Benicàssim. A replicação deste demonstrador em Itália e Portugal está a ser avaliada pelas cidades de Fiorano e Aveiro.

Os autores agradecem os contributos do Instituto de Tecnología Cerámica (ITC) e da Câmara Municipal de Aveiro.

Projeto financiado pelo Programa LIFE+ (mais informação: www.lifecersuds.eu)

Victor Francisco e Marisa Almeida,
CTCV – Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro

PUB

Oliveira do Bairro

NO CORAÇÃO DA BAIRRADA

cm-olb.pt